

A IDEIA DE JOGO E A IMPORTÂNCIA DA HERMENÊUTICA FILOSÓFICA NA COMPREENSÃO DO SABER E CONSTRUÇÃO DA SUBJETIVIDADE

THE IDEA OF THE GAME AND THE IMPORTANCE OF THE PHILOSOPHICAL HERMENEUTICS IN UNDERSTANDING THE KNOWLEDGE AND CONSTRUCTION OF SUBJECTIVITY *

RODRIGO TOALDO CAPPELLARI**

FACULDADE DE INTEGRAÇÃO DO ENSINO SUPERIOR DO CONESUL, BRASIL

Resumo: O presente estudo tem por objetivo verificar as diferentes formas de se analisar um texto escrito, partindo-se da obra de Hans-Georg Gadamer no tocante a diferenciação entre hermenêutica metodológica e a hermenêutica filosófica, bem como o objetivo da hermenêutica. Após, trabalhar-se-á com a perspectiva da hermenêutica como uma ciência da interpretação, da filosofia como um modo de ser e constituição da subjetividade, para ao final buscar da compreensão da ideia de jogo como um método, um modelo estrutural da experiência hermenêutica onde a compreensão do jogo só é possível mediante a vivência do próprio jogar, de maneira que além da compreensão do texto escrito, este só será compreendido realmente se o leitor o experimentar, sendo necessária uma modificação em sua subjetividade.

Palavras-chave: hermenêutica metodológica; hermenêutica filosófica; Gadamer; jogo; subjetividade.

Abstract: The present study aims to determine the different ways of analyzing a written text, starting from the work of Hans-Georg Gadamer regarding the distinction between methodological and philosophical hermeneutics hermeneutics, as well as the goal of hermeneutics. After, will be working with the perspective of hermeneutics as a science of interpretation of philosophy as a way of being and constitution of subjectivity, to get to the end of understanding the idea of play as a method, a structural model of the hermeneutic experience where understanding the game is only possible through the experience of playing itself, so that beyond the comprehension of written text, this will only be really understood if the reader experience, a change in their subjectivity is required.

* Artigo recebido em 14/08/2014 e aprovado para publicação pelo Conselho Editorial em 07/12/2014.

** Mestre em Filosofia pela Universidade do Vale do Rio dos Sinos – UNISINOS. Especialista em Marketing pela Faculdade Cenecista de Bento Gonçalves - FACEBG, cursando Especialização em Direito Público pela Escola Superior da Magistratura Federal – ESMAFE/RS. Professor da Faculdade de Integração do Ensino Superior do Conesul – FISUL. Currículo Lattes: <http://lattes.cnpq.br/3121838632239894>. E-mail: massimiliano.pollini@libero.it.

Keywords: interpretive methodology; philosophical hermeneutics; Gadamer; game; subjectivity.

1. Introdução

O presente estudo tem por objetivo a elaboração de uma análise acerca das diferentes formas de se analisar um texto escrito.

Para tanto, inicia-se o presente estudo verificando a análise elaborada pelo Dr. Luiz Rohden da obra de Hans-Georg Gadamer no tocante a diferenciação entre hermenêutica metodológica e a hermenêutica filosófica, visto ser fundamental para o objetivo proposto de verificar a diferenciação entre interpretar e compreender um texto, bem como o objetivo da hermenêutica.

Em um primeiro momento é necessário o estudo dos traços fundamentais da hermenêutica metodológica, buscando verificar suas características e peculiaridades, para então, posteriormente, partir para a análise da hermenêutica filosófica, a fim de se elaborar um contraponto e verificar suas distinções.

O presente estudo busca também elencar pontos com o intuito de se compreender a hermenêutica como uma ciência da interpretação, para então poder adentrar na temática de encarar a filosofia como um modo de ser e constituição da subjetividade, a qual, como veremos, através da hermenêutica, poderá se dar pela vereda longa ou pela vereda curta.

A primeira consiste em uma volta com destino ao mesmo lugar, como no caso de Ulisses nas obras de Homero, podendo-se ligar tal perspectiva com a hermenêutica metodológica, já a segunda é uma volta sem a pretensão de voltar ao mesmo lugar, idêntico, buscando sempre se deparar com novas concepções, como no caso de Abraão, podendo-se ligar tal exemplificação à hermenêutica filosófica.

Passado este ponto, parte-se para a busca da compreensão da ideia de jogo, no sentido de um modelo estrutural da experiência hermenêutica. O jogo, aqui, será utilizado como um “método” que proporcionará a verificação entre a ideia de vivência e compreensão presente no jogo, uma vez que a compreensão do jogo só é possível mediante a vivência do próprio jogar, de maneira que além da compreensão do texto escrito, este texto só será compreendido realmente se o leitor o experimentar, fazendo com isto uma própria modificação em sua subjetividade.

2. Âmbito e sentido geral do interpretar e do compreender

Para começarmos a analisar a hermenêutica metodológica ou epistemológica e a hermenêutica filosófica ou ontológica, é pertinente analisar dois significados. Primeiramente, a palavra *interpretar*, que seria de alguma forma o nosso modo de conhecer, de agir, de ser. Por exemplo, o som de despertador, quando acordamos, leva-nos a interpretar e tomar consciência do dia em que estamos, do que desejamos e devemos fazer. Já por sua vez, a palavra *compreender*, significa assumir e “tecer uma relação dialética, tensional, que gera uma terceira margem emergente do interpretar” (ROHDEN, 2010, p.2).

De acordo com Gadamer “a compreensão começa quando algo nos chama a atenção. Esta é a principal das condições hermenêuticas” (ALMEIDA; FLICKINGER; ROHDEN, 2000, p. 149). Conforme Rohden (2010, p. 2) “designamos de hermenêutica metodológica aquela que se atém apenas ao significado ao passo que a filosófica reflete sobre a instauração do sentido”.

Neste sentido, podemos identificar a hermenêutica metodológica como uma forma de interpretar o texto buscando uma resposta técnica, de conhecimentos concretos aplicáveis a um determinado problema específico, já a hermenêutica filosófica é aquela que a partir da leitura nos fornecerá uma resposta de dentro, do espírito, da opinião interior como ser, e não meramente técnica. É uma resposta com reflexão.

A hermenêutica filosófica, portanto, não busca somente interpretar o que diz o texto, ela busca raciocinar em cima do interpretado e após concordar, discordar, ampliar, conectar com outros conhecimentos, acontecimentos, fatos.

Para Rohden (2010, p. 2), “um aspecto intrínseco do interpretar e do compreender é o fato de não poderem ser delimitados como atos puramente abstratos. Somente entendemos e compreendemos porque já conhecemos, em parte, algo”.

Assim, a leitura de uma obra filosófica não é um objeto que pode ser manipulado, mas sim “é uma voz humana que vem do passado, uma voz à qual temos de certo modo que dar vida... a objetividade desinteressada não é adequável à compreensão de uma obra” (PALMER *apud* ROHDEN, 2010, p. 5).

3. Traços da hermenêutica metodológica

A hermenêutica vista como método da filosofia, pode ser vista como uma técnica, um instrumento. A arte de interpretar os textos, é uma hermenêutica que visa à atividade de conhecer para dominar objetos, seguindo os passos do procedimento metodológico das ciências naturais. Ela parte de um pressuposto *dualístico* entre o sujeito de um lado e o objeto de outro.

Poderia se dizer que a hermenêutica metodológica faz uma interpretação pragmática da linguagem, fazendo uma análise lógica do texto buscando traduzir o que o autor quer passar para o leitor. Conforme Rohden (2010, p. 5):

A hermenêutica converte-se em simples metodologia ao pretender desvincular seu procedimento interpretativo do plano histórico, político, moral como se sua validade e autenticidade fossem asseguradas pela pretensa postura de neutralidade com relação ao que interpreta.

Desta forma, a interpretação da hermenêutica metodológica refere-se ao campo do texto-compreensão, é elaborada em um território neutro, sem se ater a outros conhecimentos, outras visões de mundo que o leitor tenha, sem tomar partido na interpretação por concepções anteriores ao texto concernentes a política, moral, história, religião, entre outros. Seria um entendimento com intuito estritamente cognitivo. Conforme Rohden (2010, p. 5):

Enquanto metodológica, a hermenêutica se propõe a reduzir sua atividade e validade ao nível do *lógos apofântico* em detrimento do ainda não-dito. [...] Apenas o convertido ao plano do dito é tido e reconhecido como válido. A verdade interpretada sob esta ótica reducionista, é identificada com uma certeza como produto final da aplicação de regras dadas e delimitadas de um determinado jogo. Nesse caso, os limites da minha linguagem são os limites do meu mundo. Podemos afirmar que a hermenêutica metodológica, de um modo geral, contenta-se apenas com o respondido relegando ao plano das opiniões o admirar e o perguntar. Uma reflexão mais profunda sobre o compreender, nos leva a afirmar que o saber não se esgota no conhecer e consiste fundamentalmente em saber fazer maiores perguntas.

Diante destas considerações, passa-se a análise da hermenêutica como uma ciência geral da interpretação.

4. Hermenêutica como ciência geral da interpretação

Até o surgimento do pensamento de Schleiermacher, havia apenas *hermenêuticas específicas*, ou seja, um conjunto de regras para cada área de conhecimento em particular como a exegese bíblica, filologia e as ciências jurídicas.

A hermenêutica não existia como arte, eram apenas regras que orientavam o procedimento prático de interpretar para solucionar problemas de não-conhecimento na área específica.

Diante deste cenário, é que Schleiermacher procurou elevar a interpretação ao patamar da ciência. Para o pensador, todo compreender se fundamenta em dois momentos:

‘compreender o falado como algo que provém da língua e compreendê-la como um fato naquele que pensa’ e ‘todo falar pressupõe uma dada língua’ que ‘se desenvolve pela fala’ e ‘cada instância do falar se baseia em um pensar anterior’; disso concluiu que ‘todo ser humano é, por um lado, um local no qual uma dada língua adquire forma de maneira peculiar, só se podendo compreender sua fala a partir da totalidade da língua’ (SCHLEIERMACHER *apud* ROHDEN, 2010, p. 6).

Diante desta concepção, o filósofo desenvolveu algumas regras para a arte da interpretação sob dois pontos de vistas: objetivo-histórico e objetivo-profético.

Tendo por base o ponto de vista objetivo-histórico, pretende-se saber “como o discurso surgiu enquanto fato na vida psíquica do autor”, já do ponto de vista subjetivo-profético pretende-se “compreender o discurso tão bem e depois até melhor do que seu autor”. (SCHLEIERMACHER *apud* ROHDEN, 2010, p. 7).

Dessa forma, a obra interpretada não pode ser compreendida de uma só vez, é necessário fazer novas leituras da obra, e a cada nova leitura se elucidará melhor a compreensão, já que agora está se lendo com conhecimentos prévios. Diante desta concepção, é que o filósofo defendeu o método circular hermenêutico de compreensão dos textos. Neste sentido:

O método, 'científico', para Schleiermacher é circular, pois 'também dentro de um escrito particular o que é particular somente pode ser compreendido a partir do todo, e por isso uma leitura superficial deve preceder a interpretação mais detalhada afim de que se retenha uma visão geral do todo'. O conhecimento provisório constitui-se daquele 'conhecimento do particular que provém do conhecimento genérico da língua', mas a intenção 'é encontrar as idéias-chaves segundo as quais as restantes devem ser medidas'. (ROHDEN, 2010, p. 8).

Portanto, verifica-se que o círculo hermenêutico pressupõe sempre a existência de uma pré-compreensão de algo. Na primeira leitura conhecemos algo de algo, e na medida em que o círculo da compreensão vai se procedendo, a compreensão vai se enriquecendo. Diante deste pensamento, Rohden (2010, p. 8-9) enfatiza a importância deste raciocínio para a hermenêutica:

Com ele a hermenêutica deixou de ser um agregado de regras próprias aplicáveis às diferentes áreas do conhecimento (como a filologia, a teologia, as ciências sociais e jurídicas). Além do mais, a hermenêutica desvinculou-se da teologia e, definida como 'a arte de compreender' as expressões lingüísticas, passou a assumir uma feição filosófica.

Porém, neste processo circular metodológico verifica-se que não há uma fusão de horizontes, mas pretende-se obter uma objetividade produzida pela subjetividade, chegando a tal modo de querer compreender o outro melhor do que ele mesmo se compreendeu.

A arte geral do interpretar e do compreender, levada a cabo pela idéia de círculo, tal como Schleiermacher desenvolveu, tem um caráter acentuadamente técnico por possuir a pretensão de esgotar o conhecimento do todo a partir das partes e vice-versa. Além do mais, trata-se de um procedimento metodológico por não explicitar a participação do sujeito que conhece no processo mesmo de interpretar e de compreender. É como se o sujeito interpretante se colocasse numa área pretensamente neutra e apenas analisasse a relação entre o jogo circular entre o todo e a parte. Nesse caso, interpreta-se apenas para ampliar as informações de algo já conhecido, sem se ater à relação pessoal processual, jogando-se fora a escada após a obtenção de um entendimento maior sobre algo. (ROHDEN, 2010, p. 9).

Neste sentido, o sujeito se tornaria perito exclusivamente restrito ao campo da obra, mas não traria o conhecimento, o entendimento da obra para a própria vida, ficaria somente no âmbito de decifrar e raciocinar os enigmas da obra, buscando-se apenas ampliar informações sobre algo já conhecido.

5. Traços da hermenêutica filosófica

A hermenêutica filosófica, já, difere-se da hermenêutica metodológica por buscar compreender o outro lado da obra, não apenas o que o autor disse, mas também compreender o que ele não disse, ela não se limita apenas ao entendimento instrumental dos significados dados.

Conforme Rohden (2010, p. 10) “filosofar não se constitui pela mão única de ir ‘da palavra ao conceito’, ou seja, apenas elevar ‘o real ao conceito’, mas pela mão do caminhar que vem ‘do conceito à palavra’”.

O ser se diz de muitas maneiras, não se pode reduzir o ser a aplicação de regras matemáticas. Deve-se partir da afirmação aristotélica onde “não podemos exigir provas matemáticas (apodícticas) de um retórico (ou de questões morais, ou de questões políticas) assim como não podemos pedir de um matemático provas prováveis (ao modo do entimema)” (ROHDEN, 2010, p. 10).

A hermenêutica filosófica eleva o Ser meramente metodológico, de um simples ato de julgar e deduzir, agora se passa a ter uma postura filosófica, ouvindo, discernindo, dialogando. Dessa forma:

Trata-se de um olhar que não apenas enxerga, mas se enxerga e estamos às voltas com um dizer que não apenas dita, mas se implica ao dizer. No primeiro caso o importante é a análise correta que se faz (de um texto ou de um contexto) ao passo que ao filosofar é a consciência da experiência que a consciência realiza consigo e com os outros. (ROHDEN, 2010, p. 11).

Neste sentido, para Schleiermacher “tudo o que se pressupõe em hermenêutica é apenas linguagem e é também só linguagem aquilo que encontramos na hermenêutica” (SCHLEIERMACHER *apud* ROHDEN, 2010, p. 12). Esta máxima vale tanto para a epistemologia quanto para a ontologia. Neste sentido:

Se, para a primeira, o mais importante é o ponto de chegada do processo interpretativo, ou seja o conhecido representado-adequado, para a segunda a

ênfase recai sobre o processo mesmo do interpretar, do compreender, do perguntar, do saber. No primeiro caso, ao final, conhecemos; no segundo caso conhecemos, mas sabemos também que o real extravasa o conhecido. (ROHDEN, 2010, p. 12).

Por isto, é que como vimos no presente esforço, “a historicidade e a linguagem assumem os papéis protagonistas do pensar filosófico pautado por uma medida de racionalidade apropriada ao modo de ser humano” (ROHDEN, 2010, p. 13).

Dessa forma, podemos afirmar que a hermenêutica como filosofia não se prende ao âmbito estritamente da interpretação linear e análise de textos, mas sim em uma forma de análise onde a ética e a linguagem estão conjugadas, uma vez que sua interpretação visa discernir sobre as implicações pessoais e sociais daquilo que se está analisando. Assim, pela visão da hermenêutica filosófica, ler (interpretar e compreender), significa *compreender-se diante do texto*.

Analisadas tais distinções entre as diferentes formas de se interpretar um texto, passamos a analisar a importância da hermenêutica no filosofar e a consequente constituição da subjetividade.

6. O filosofar na constituição da subjetividade: vereda curta e vereda longa

A filosofia é uma opção de vida. Pensar, refletir sobre o que sou, meus conceitos, minha vida, é uma opção. O filosofar, hoje, deve ser tratado como uma reflexão sobre a subjetividade, a qual deve ser tratada como um fim, e não como meio, tendo em vista que a subjetividade é um pressuposto irrefutável da ética.

Conforme Montaigne: “há quem viveu muito e não viveu. Meditai sobre isso enquanto o podeis fazer, pois depende de vós, e não do número de anos, terdes vivido bastante” (MONTAIGNE *apud* ROHDEN, 2008, p. 124).

O filosofar nos impõe uma tarefa: um aprender-a-viver, em cujo transcorrer elaboramos sempre maiores perguntas que respostas sobre quem somos.

Sobre o assunto, o professor Dr. Luiz Rohden, em sua obra *interfaces da hermenêutica*, irá exemplificar a fim de tornar mais claras as ideias referentes à hermenêutica metodológica e à hermenêutica filosófica, para tanto, identificará dois caminhos que podem ser percorridos para

se chegar a algum lugar, o da vereda curta (ligado à hermenêutica metodológica) e o da vereda longa (ligado à hermenêutica filosófica).

Assim, o caminho da vereda curta, é o caminho direto, imediato, simples, como é o caso de Ulisses, personagem das obras *Ilíada* e *Odisséia* do escritor Homero. Este “é o caminho de Ulisses que volta ao mesmo lugar de onde saiu, sabe quem é e os outros o reconhecem”. Por este caminho, “no fundo, Ulisses é, quando regressa, exatamente o mesmo que abandonara Ítaca duas décadas atrás” (ROHDEN, 2008, p. 125).

Então, vereda curta porque se contenta ou em dizer “que o eu verdadeiro, ou a alma, é uma substância; isto é, uma entidade separada e distinta do corpo mutável”, ou em afirmar que “não existe o eu” (MEIERHOFF *apud* ROHDEN, 2008, p. 125).

Já a linha da vereda longa, é aquela seguida por Abraão, que buscou fazer uma viagem sem a pretensão de voltar ao mesmo lugar de onde saiu, idêntico. É uma vereda longa pois não se avista um porto seguro e definitivo no qual pode-se ancorar e exclaimar, somos isto ou aquilo, “vereda longa porque procura configurar a identidade humana a partir do entrelaçamento entre a filosofia e outras áreas de conhecimento que se propõem compreender e nomear a subjetividade humana” (ROHDEN, 2008, p. 129).

7. Por uma hermenêutica da subjetividade, que se diz narrando

Segundo Gadamer diante da crescente “alienação de si mesmo coloca-se com crescente urgência, a tarefa de conduzir o homem, novamente a autocompreensão de si mesmo”. Para isto que existe a filosofia, que Gadamer irá chamar de hermenêutica, (como teoria e também como práxis da arte de compreender e fazer falar o estranho e o que se fez estranho), a qual pode “ajudar a libertar-nos frente a tudo aquilo que se apodera de nós, sem consultar-nos” (GADAMER *apud* ROHDEN, 2008, p. 126).

Conforme Gadamer *apud* Rohden (2008, p. 127) “unicamente o conhecimento pode salvar a liberdade que está, não somente ameaçada pelos respectivos governantes, mas também pela dominação e pela dependência que surge de tudo aquilo que acreditamos”.

Assim, em outras palavras, é “a filosofia que irá aparecer relativizando o dito [conceito ou via curta] e priorizando o devir [que constitui a via longa]” (ROHDEN, 2008, p. 128).

Para Meyerhoff “o que somos, nós o somos apenas no tempo e através dele; mas somos também constantemente modificados no tempo e pelo tempo. O tempo nos faz e nos

desfaz” (MEIERHOFF *apud* ROHDEN, 2008, p. 130). Então, para não sermos devorados pelo tempo, que não para, nos resta entrar na vereda de Sherazade que, para viver, não parou de narrar.

Conforme Gentil *apud* Rohden (2008, p. 130) “narrar é mais que tudo, articular simbolicamente o tempo, representá-lo, trazer à linguagem o que a ação experimenta e organiza o mundo”.

Assim, diferentemente da pretensa neutralidade descritivo-conceitual, narrar significa “dizer quem fez o que, por que e como, mostrando no tempo a conexão entre esses pontos de vista” (RICOEUR *apud* ROHDEN, 2008, p. 130).

Portanto, narrar é trocar experiências, e nessa troca de experiências, nesta linguagem narrativa, ao articular as experiências de pensamento, é que se espelha e retrata a subjetividade.

Como meio de interligarmos essas ideias, Rohden nos expõe o exemplo da obra de Pirandello, visando elucidar e clarear de forma muito objetiva tais ideias. Esta concepção, pode-se verificar segundo Bosi *apud* Rohden (2008, p. 134), pois “no capítulo ‘o ponto vital’ encontramos o narrador que se empenha lucidamente em sondar o processo psicossocial que o faria passar da pura anomia (nenhum) ou da vertiginosa dispersão (cem mil) a um estado de unidade moral (um)”.

Desta forma, é pelo caminho da vereda longa que se faz filosofia e se constrói a subjetividade, estando num constante processo de esclarecimento. “O filosofar, ao abrir clareiras em nossos cotidiano, nos possibilita passar da anomia (nenhum) ou da dispersão (cem mil) para sermos nós mesmos (um)”. Assim, “se aprender-a-viver é que é viver mesmo, e, vivendo, aprendemos apenas a fazer outras maiores perguntas, são estas que poderão abrir brechas em nós e nos salvar do dogmatismo e do ceticismo acerca da identidade humana” (ROHDEN, 2008, p.135).

Tal concepção está intimamente ligada com a ideia de jogo, tendo em vista sua inerente relação entre vivência e compreensão, permitindo-se ao jogador apenas compreender quando está exercendo a atividade do jogar.

8. O jogo como modelo estrutural da experiência hermenêutica

O tipo de conhecimento que o jogo propicia, apresenta uma grande relevância hermenêutica. Ao contrário da metafísica e da ontologia greco-romana, “a hermenêutica é um *pensiero debole* ou um discurso *indiretamente ontológico*” (ROHDEN, 2002, p.112).

O jogo não é objetivo nem subjetivo; o jogo não é determinado, nem indeterminado. No jogo, verifica-se uma relação entre vivência e compreensão, tendo em vista que a compreensão do jogo só é possível mediante a vivência do próprio jogar.

Conforme Fink *apud* Rohden (2002, p. 113), o homem “é habitado pelo pensamento da imensidão e do infinito, vive na agitação do universo, à sombra da morte, nas fadigas do trabalho (...) nas felicidades frágeis do amor, no jogo que representa. Talvez a meditação sobre o jogo siga um fio que não nos conduz para fora do labirinto do questionamento, mas, ao contrário, aí nos funda mais profundamente” de forma que torna-se possível refletir sobre quem somos e o que desejamos.

Dessa forma, verifica-se que a vida é um jogo, com inúmeras jogadas, ou tomadas de decisões, onde se pode acertar ou errar, sempre correndo uma certa forma de risco, e o refletir sobre o jogo, sobre as jogadas, sobre as regras do jogo, é o filosofar.

O jogo e o círculo são modelos estruturais da hermenêutica filosófica, já que neles encontra-se uma lógica em aberto: modelos e indicadores, e não padrões rígidos e absolutos a serem aplicados ao conhecimento.

Neste sentido, são princípios metodológicos abertos, que não conduzem a uma síntese única e absoluta, mas possibilitam diferentes conclusões. De acordo com Rohden (2002, p. 112) “a concepção de jogo, melhor que o método analítico, dialético, sintético, conserva e explicita de modo mais autêntico o acontecer do princípio da experiência hermenêutica ao conjugar num mesmo movimento ser e tempo”.

O jogo como metodologia da hermenêutica filosófica extrapola a concepção de método, como instrumento das ciências naturais, desta forma, é importante resgatar os traços antropológico-culturais para se demonstrar a origem e o sentido do jogo na vida humana em função da e como filosofia.

9. Justificativas antropológico-culturais para o emprego da concepção de jogo

A partir da experiência cotidiana, percebe-se que o jogar é uma possibilidade de vivência que se realiza num certo tempo, sob certas condições, numa alegre animação.

Enquanto animal lúdico, o homem joga por diversos motivos: como uma forma de descarga da energia vital superabundante, como satisfação do instinto de imitação ou ainda simplesmente por uma necessidade de distensão. Utiliza-se, também, como ludoterapia, neste caso sendo o jogo um meio de aprendizado (ROHDEN, 2002).

Outra concepção própria do jogo consiste como rito de iniciação, uma preparação, do jovem para as tarefas sérias que mais tarde a vida exigirá dele. Pode-se tomar como exemplo as primeiras aulas de treinamento aos pilotos de caças militares, jogos de estratégia, entre outros. Outra explicação plausível ao jogo se dá pelo desejo de dominar ou competir inerente aos seres humanos.

Também, há o posicionamento de Huizinga *apud* Rohden (2002, p. 114-115) sendo o jogo uma “‘ab-reação’, um escape para impulsos prejudiciais (no sentido da *catarse* grega), um restaurador da energia despendida por uma atividade unilateral, ou ‘realizador do desejo’, ou uma ficção destinada a preservar o sentimento do valor pessoal”.

Desde a antiguidade, para compreender e expressar a totalidade de sua vida, o homem cria um “outro mundo” ao lado da natureza, que lhe dê sentido para a vida presente ou futura, que sirva de orientação para sua vida prática. Exemplos: jogo mítico, jogo do culto.

Sob o ponto de vista conceitual, percebe-se que o jogo é uma função da vida, mas não é passível de uma definição exata. Ele instaura um outro mundo distinto das normas científico-culturais vigentes, ou seja, “não é possível definir o jogo com a razão instrumental, pois ele pertence à realidade, fugindo dela, simultaneamente!” (ROHDEN, 2002, p. 115).

Ele tem seu valor e compreensibilidade fundamentalmente no seu próprio desenrolar, de formar que colocando-se a refletir sobre o jogo, a certeza da sua interpretação imediata desaparece. Ao querer explicar o que vive, jogando, quem se sabe jogando se dá conta de que não sabe definir o jogo.

Este mal estar, é causado segundo Fink *apud* Rohden (2002, p. 116), porque “é necessário considerar seu saber anterior como inconsistente e sem valor, como não fundado e ilusório, lhe é necessário considerar como um não-saber que se passava por um saber porque ele estava cegado por uma miragem”.

10. Traços fundamentais do jogo

Vistas tais perspectivas, faz-se pertinente uma análise dos traços fundamentais que compõe o jogo. Um dos primeiros traços fundamentais que se percebe no jogo é que o homem não permanece nele mesmo, sai ara fora dele, se “transcende” a si mesmo.

A finalidade do jogo está no próprio jogo, o jogo não é alguma coisa que é em si. Daí a dificuldade de Wittgenstein e Gadamer em buscar conceituá-lo, já que seguindo os parâmetros da razão moderna, implicaria em anulá-lo enquanto jogo. O jogo contém aspectos racionais, claros, evidentes, compreensíveis, expressos nas regras e que devem ser aceitos e, por outro lado, caracteriza-se por uma dimensão ‘supralógica’, pela experiência do não tematizável, não apenas da situação humana, como da filosofia (ROHDEN, 2002, p. 117-118).

Segundo Fink *apud* Rohden (2002, p. 118) no jogo “a ‘irrealidade’ é o traço fundamental de uma representação simbólica do todo do mundo por um ente intramundano”.

Observando-se o espírito do homem primitivo, as cerimônias celebradas corretamente, os jogos ganhos de acordo com as regras, os sacrifícios devidamente realizados, verifica-se que estavam intimamente ligados à aquisição de prosperidade para o grupo. O culto é um espetáculo, uma representação dramática, uma figuração imaginária de uma realidade desejada. O ritual é uma ação, e a matéria desta ação é um drama, isto é, um ato, uma ação representada num palco, e este rito leva uma verdadeira participação no próprio ato sagrado.

Embora a efetivação do rito é feita na forma lúdica, sagrada, profana, em todas aparecem aspectos como: ordem, seriedade, risco, descontração, tensão, movimento, mudança, solenidade, ritmo, entusiasmo, *pathos*. (ROHDEN, 2002, p. 120-121).

Uma das principais funções é apaziguar os demônios, em exercer um poder sobre eles, um meio de o homem sentir-se seguro do mundo. É no e pelo jogo cultural que se compreende como os deuses enviavam tempo bom e mau, distribuíam seus favores e desfavores.

Nos dizeres de Platão, “a vida deve ser vivida como jogo, jogando certos jogos, fazendo sacrifícios, cantando, dançando, e assim o homem poderá conquistar o favor dos deuses e defender-se de seus inimigos, triunfando no combate”. (PLATÃO *apud* ROHDEN, 2002, p. 118).

Da passagem citada de Platão, verifica-se o fato do jogo ser um modo, um método, caminho para viver em paz, o jogo enquanto um método filosófico próprio, um modelo estrutural da hermenêutica filosófica.

Outro elemento fundamental do jogo, é que nele o homem atenua a lei inexorável da seriedade da vida com suas necessidades habituais. Não é vida corrente nem vida real, trata-se de uma evasão da vida real para uma esfera temporária de atividade com orientação própria. É um intervalo em nossa vida cotidiana.

O jogo distingue-se da vida comum pelo lugar, pela duração e pelo seu isolamento com relação a ela. Tem caminho e sentidos próprios, distinguíveis do cotidiano.

O elemento da tensão, também é muito importante. “Tensão significa incerteza, acaso. Há um esforço para levar o jogo até o desenlace, o jogador quer que alguma coisa ‘vá’ ou ‘saia’, pretende ganhar à custa do seu próprio esforço” (HUIZINGA *apud* ROHDEN, 2002, p. 123).

As regras também é um elemento importante, sendo um traço constitutivo do jogo, são absolutas e não permitem discussão. Conforme Paul Valery, no jogo nenhum ceticismo é possível, pois se assentam em uma verdade inabalável (VALERY *apud* ROHDEN, 2002, p. 124).

Segundo Rohden (2002, p. 124) “uma das funções do jogo consiste no lutar *por* alguma coisa e no representar *de* alguma coisa. Representar significa mostrar, mais que imitar. Uma criança representa alguma coisa diferente do que é no cotidiano, finge ser um príncipe, uma mãe, um professor; *a criança experimenta papéis sociais*”.

À guisa de síntese, pode-se traçar algumas características essenciais à atividade lúdica conforme o pensamento de Boss *apud* Rohden (2002, p. 125):

- é livre, inconciliável com o constrangimento;
- é separada da realidade comum (tempo e espaço convencionais);
- é indeterminada, pois implica a intervenção do acaso ou da invenção;
- é improdutiva (não fornece nada à vida real dos jogadores);
- é regulada ou fictícia (dependendo de ser ou não imitativa).

Assim, não há como se esgotar o jogo em um conceito. A “essência” do jogo oscila entre a observância das exigências próprias de cada jogo e a vivência da mais pura liberdade ao se jogar. O jogo comporta uma dupla realidade, indiferentemente da ciência, e funciona se o jogador obedecer às regras que lhe são próprias. Para jogar o jogo, o jogador deve aceitar as regras e assumi-las em todo tempo e lugar.

Por outro lado, somente haverá jogo se o jogador entregar-se a ele. Não acontece jogo se ele se colocar de modo neutro, como observador diante dele ou quando pretende objetificá-lo, tal como procede a ciência. No jogo, o fundamental é a *experiência de jogar* o jogo. Na ciência é a validade universal que se pode alcançar. Assim, conforme Rohden, no primeiro caso trata-se de uma fundamentação ontológica, no segundo, de uma epistemológica.

11. Conclusão

Ante ao analisado, pode-se inferir a título de conclusão que a vivência e a prática da filosofia está intimamente ligada à ideia do jogar. A vida é um jogo, e só constituiremos nossa subjetividade aliando o conhecimento buscado pela filosofia à prática.

Somente a experiência concreta do entendimento gerado pelo correto filosofar é irá constituir uma subjetividade verdadeiramente consistente nos levando ao conhecimento, e este caminho deve-se sempre ser percorrido pela via da vereda longa, buscando-se chegar a lugar não conhecidos, buscando-se reinventar e progredir nas trilhas do conhecimento.

Nesta perspectiva, verificasse a importância de se filosofar e buscar o conhecimento pela diretrizes fornecidas pela hermenêutica filosófica, como verificado quando da análise da obra gadameriana.

Assim, pode-se concluir que a ideia de jogo pode ser encarada como um “método” visando-se estruturar a experiência hermenêutica na busca pelo conhecimento e constituição da subjetividade, tudo isto, mediante a vivência do próprio jogar, para que a compreensão do texto escrito e a prática cotidiana da filosofia se traduza na experiência hermenêutica da constituição da subjetividade.

Referências Bibliográficas

ALMEIDA, C. L.; FLICKINGER, H.G.; ROHDEN, L., *Hermenêutica filosófica: nas trilhas de Hans-Georg Gadamer*. Porto Alegre: Edipucrs, 2000.

ROHDEN, Luiz. *Hermenêutica Metodológica e Hermenêutica Filosófica*. In KUIAVA, E. A. (org.) e BONFANTI, J. (org). *Ética, Política e Subjetividade*. Caxias do Sul: Educs, 2010..

ROHDEN, Luiz. *Interfaces da Hermenêutica*. Caxias do Sul: Educs, 2008.

ROHDEN, Luiz. *Hermenêutica Filosófica*. São Leopoldo: Editora Unisinos, 2002.

Universidade Católica de Petrópolis
Centro de Teologia e Humanidades
Rua Benjamin Constant, 213 – Centro – Petrópolis
Tel: (24) 2244-4000
synesis@ucp.br
<http://seer.ucp.br/seer/index.php?journal=synesis>



CAPPELLARI, Rodrigo Toaldo. A ideia de jogo e a importância da hermenêutica filosófica na compreensão do saber e construção da subjetividade. *Synesis*, v. 6, n. 2, dez. 2014. ISSN 1984-6754. Disponível em: <http://seer.ucp.br/seer/index.php?journal=synesis&page=article&op=view&path%5B%5D=578>. Acesso em: 30 Dez. 2014.
